

## Grupo Acesso

**Gabriela Malzyner<sup>1</sup>**

**Mônica J. Fischbach Saliby<sup>2</sup>**

**Patricia Villas-Bôas Valero de Morais<sup>3</sup>**

1 Psicóloga; psicanalista; membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; supervisora da clínica da Universidade São Marcos; membro efetivo da CEPPAN.

2 Psicóloga; especialista em observação de bebês; membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

3 Psicanalista, mestre em psicologia social (IPUSP); membro acadêmico e docente do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

### Entrevistadas:

*Maria Saete Abrão Nunes da Silva* - Psicanalista; membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; docente do curso Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica; mestre e doutora pelo IPUSP.

*Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi* - Psicanalista; membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; mestre pelo IPUSP; co-coordenadora do Grupo Acesso; docente e supervisora do curso de Psicossomática do mesmo Instituto.

*Cynthia Peiter* - Psicanalista pelo Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; mestre em Psicologia/USP; membro filiado SBPSP; membro do Grupo Acesso.

A revista *Boletim Formação em Psicanálise*, interessada na clínica extensa e na ampliação do campo de atuação do psicanalista para além do consultório privado, entendendo que a Psicanálise é um valioso instrumento

na compreensão de situações sociais complexas, como a parentalidade contemporânea e a questão da adoção, traz neste número três artigos dedicados ao tema. Produzidos a partir da atuação no Grupo Acesso - Estudos, Pesquisa e Intervenção em Adoção da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae - vêm enriquecer nosso olhar sobre este assunto atual e delicado. Assim, consideramos oportuno entrevistar o grupo para conhecer melhor seu trabalho. Participaram da entrevista as psicanalistas Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi, co-coordenadora do grupo; Maria Salete Abrão Nunes da Silva; e Cynthia Peiter.

**Boletim Formação em Psicanálise** - Vocês poderiam contar um pouco como funciona o Grupo Acesso? Qual o público alvo?

**Grupo Acesso** - O Acesso constitui um grupo formado por duas coordenadoras e mais outras 18 psicanalistas que trabalham, desde 1996, na Clínica do Instituto Sedes Sapientiae, em busca de compreender e intervir nos processos envolvidos com as experiências da adoção de crianças e adolescentes. Também as complexas questões da institucionalização da criança, entendida como uma das Medidas de Proteção à Infância está no âmbito de nossas reflexões e intervenções, uma vez que revela o outro lado da experiência adotiva e dela faz parte. O olhar acurado sobre a experiência da institucionalização, seus efeitos e desdobramentos sobre a criança e o adolescente e, sobretudo, sobre os educadores, têm se constituído, para nós, fonte de reflexões, pesquisas e intervenções. Nossas atividades visam colocar o instrumental psicanalítico a serviço daqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com a trama da adoção, como por exemplo pessoas que se encaminham para uma adoção, pais adotivos, crianças e adolescentes adotivos ou abrigados.

Ao longo destes quase 15 anos de existência, o Grupo Acesso vem se debruçando não apenas sobre os atendimentos clínicos e psicoterapia a pais, crianças e adolescentes adotados ou abrigados. Nosso trabalho,

também, se estende para além dos muros do consultório e pretende uma atuação que se dá em rede com os equipamentos sociais voltados à promoção e proteção da infância. Desse modo, também constitui parte de nossas atividades, assessorias várias aos profissionais das Varas da Infância e da Juventude, às Instituições de Acolhimento, às Escolas e aos Conselhos Tutelares. Além disso, promovemos eventos e cursos, produzimos materiais impressos como elaboração de cartilhas e, em alguns momentos, participamos na elaboração de políticas públicas. Para tanto, há reuniões semanais com a equipe, dividida por setores: atendimento clínico, adoção, abrigos, grupos de estudos.

**BFP** - Nos diversos artigos do Grupo Acesso há menção da necessidade de elaboração de um luto frente à impossibilidade de gerar filhos biológicos. Como vocês investigam a questão do luto junto aos casais que pretendem adotar uma criança? Como ocorrem as intervenções?

**GA** - Toda intervenção, realizada junto às pessoas ou aos casais que pretendem adotar, é feita no âmbito do atendimento clínico. As pessoas que procuram o Grupo Acesso chegam, com alguma frequência, encaminhadas pela Vara da Infância que, a partir do acompanhamento feito durante a avaliação dos candidatos, veem necessidade de um acompanhamento psicológico. Nestes casos, a escuta da demanda é hegemônica, isto é, a instalação do processo terapêutico depende da explicitação da demanda. Há casos em que não há demanda inicial e ela surge com o tempo de atendimento. Há outros em que ela não surge e não há por que o candidato permanecer em atendimento clínico. É importante ressaltar que não temos nenhum tipo de vinculação com a Vara e nem com o processo que alguns estão vivendo lá. É certo que uma vez inseridos em uma psicoterapia, a escuta da experiência da infertilidade, quando ela se faz presente na experiência com a adoção, é trabalhada do mesmo modo que em qualquer processo psicoterápico que tem a psicanálise como ferramenta clínica.

**BFP** - Como podemos interferir frente aos casais que pretendem adotar crianças, para que esse movimento não se restrinja a obturar faltas?

**GA** - É importante que ao longo da trajetória rumo à adoção, os adotantes possam se conscientizar sobre as suas reais motivações em relação à adoção. Nesse sentido, não apenas o acompanhamento efetuado pelos profissionais técnicos da Vara durante esse processo, como também as discussões propiciadas pelos grupos de adoção e, sobretudo, o acompanhamento clínico sob a forma de psicoterapia, são instrumentais valiosos que podem funcionar como intervenções ao propiciar o conhecimento dessas motivações. A adoção pode vir a ser uma saída criativa valorosa para a vivência da castração, porém, também pode produzir certos efeitos iatrogênicos, como é o caso da devolução das crianças adotadas.

**BFP** - Crianças criadas por seus pais biológicos estão expostas às questões do romance familiar em que nascem e sabemos que isso é necessário ao seu desenvolvimento. Como ocorre a interface entre o romance familiar de origem da criança adotada e da família que irá adotá-la?

**GA** - Freud descreve esse romancear como evolução componente do encaminhamento da conflitiva edípica de cada sujeito, necessário para se libertar da autoridade parental, composto frequentemente pela fantasia de ser filho adotivo. Ora, o que se pode observar em famílias que se constituem por adoção são algumas alternativas em relação ao romance. Pode ocorrer que os pais biológicos fiquem mesmo nesse lugar idealizado de "outros pais", "os melhores", isso reforçado pela idealização que os pais adotivos têm, também, em relação aos pais biológicos, como os férteis, os verdadeiros. Para o filho adotivo, o recurso a essa "fantasia de ser adotivo", pode ficar prejudicado. Indo por esse caminho, ele se depara com os fatos de sua história e os outros pais, os "alternativos", são os pais da origem, que coincidem com os pais, que pelos mais diversos motivos, o abandonaram. Então temos um caminho vetado e uma dificuldade, ou

melhor, uma complexidade maior para a conflitiva edípica vivenciada. O que ocorre com frequência, do lado dos pais adotivos e interfere no modo como o filho adotivo vai poder vivenciar a sua conflitiva edípica, é uma manifestação intensa de fantasias de medo de perder a criança. Corroboradas pelos valores difundidos pelo imaginário social de que o laço sanguíneo é o verdadeiro, o forte, e por consequentes fantasias de roubo e sentimento de apropriação indébita do filho, desembocam no medo de que a criança os deixe para ficar com outros. Isso resulta em dificuldades para estabelecer limites para os filhos e permitir que os mesmos vivam experiências normais de separação. Assim, a liberdade para que o filho adotivo possa desenvolver suas fantasias típicas do romance parece ficar limitada. Por outro lado, se os pais adotivos puderem examinar seus sentimentos e suas fantasias, seus conflitos e também suas ambivalências, o romance familiar poderá ocorrer de forma mais tranquila. O que vai propiciar um grau maior ou menor de salubridade em relação à questão é a capacidade dos pais adotivos de falar, esclarecer e analisar fatos e fantasias junto ao filho.

**BFP** - Em relação à criança adotada, como é possível encaminhar questões relativas às fantasias de sua origem, para que estas possam continuar operantes de forma adequada em seu desenvolvimento?

**GA** - A abertura de um canal para a conversa, no convívio cotidiano com a criança é fundamental. Quando é possível para os pais acolherem a necessidade da criança de se reconhecer e ter uma pertinência, as fantasias e as questões formuladas são acolhidas e valorizadas. Há situações em que as fantasias da criança, acerca de suas origens, necessitam passar por uma espécie de re-significação e, nesses casos, espera-se que os pais possam ter a capacidade de serem também um pouco 'psicoterapeutas', como bem afirmou Winnicott certa vez. Isto significa que eles possam ajudar a criança a colocar sentido onde não tem. Não se

trata de considerar aspectos históricos da experiência vivida, mas da criação de um mito, onde há um 'buraco'. Dessa maneira, as fantasias sobre as origens tornam-se uma experiência compartilhada na relação pais/filhos adotivos, na medida em que a narrativa das experiências viabiliza a operacionalidade dessas fantasias. Para tanto, os pais precisam ter elaborado suficientemente bem as questões relacionadas às próprias origens e àquelas ligadas às origens daquela adoção.

**BFP** - Do ponto de vista dos pais adotivos, existem algumas hipóteses, tais como a impossibilidade do luto frente à infertilidade do casal ou o altruísmo frustrado frente à ingratidão da criança adotada, que colocariam a experiência com a criança sempre aquém do ideal (narcísico) que se espera realizar, culminando na sua devolução. Quais seriam as razões do ponto de vista da criança, para a não aceitação da filiação frente a estes pais?

**GA** - Cada experiência é muito singular no que se refere aos sentimentos ligados à filiação, tanto nas famílias constituídas pelo laço biológico, como naquelas formadas a partir da adoção. A devolução da criança adotada, embora não reconhecida em seu aspecto legal - uma vez que toda adoção é um ato irrevogável - ocorre sob certas circunstâncias em que os conflitos com a criança atingem tal magnitude que os adotantes não encontram meios de contorná-los. Se por um lado, a devolução pode representar um alívio para o sofrimento experimentado, por outro ela mobiliza angústias significativas tanto para os adotantes como para a criança/adolescente. Não há estudos sistemáticos que abarquem o conhecimento sobre o que levaria a criança a se contrapor ao desejo dos adotantes de incluí-la imaginariamente como filha. Porém, a experiência clínica é reveladora de que a filiação adotiva é uma construção gradativa, não surge a partir de uma mera sentença judicial. Como toda filiação, que tem um estatuto simbólico, é um laço que tem duas pontas. Não apenas o adotante revela o gesto da adoção; a criança também adota os pais. Há situações de dificuldades para a criança em se deixar

incluir como filha em uma família, quando ela não consegue se desligar, se enlutar pelos pais biológicos que não puderam ficar com ela, por exemplo. E, caso ela encontre um ambiente que não reconheça e aceite sua radical alteridade, suas origens, sua história pregressa, enfim, sua singularidade, abrem-se frentes para ocorrências que põem em confronto as necessidades subjetivas da criança e as expectativas dos adotantes de exercerem a parentalidade daquela criança. São situações que geram ou intensificam os conflitos que poderão culminar em sua devolução.

**BFP** - Olhando o caminho percorrido e o que se tem buscado com o trabalho, qual balanço vocês fariam da trajetória do grupo?

**GA** - No início dos nossos trabalhos, começamos atendendo casos de adoção em psicoterapia na Clínica Psicológica do Sedes. Tínhamos uma inquietação dentro da Psicanálise e de como ela poderia responder questões em nossos consultórios. Com o tempo, fomos ampliando nossas intervenções e elas se tornaram muito mais amplas e variadas, no sentido mesmo de uma *clínica extensa*, aquela que vai além dos limites dos consultórios. A psicoterapia continua tendo um lugar importante no contexto de nossas ações, mas, ao adentrarmos na complexidade desse campo, novas modalidades de intervenções se tornaram necessárias. Durante a trajetória do Grupo Acesso, fomos percebendo que a Psicanálise nos possibilitava formas de pesquisas e subsídios para outras intervenções mais amplas dentro de uma consideração da singularidade de cada caso. E, também, que ela podia contribuir significativamente para a compreensão de questões que são da ordem de uma imensa delicadeza e que, tradicionalmente, eram tratadas pelo Direito e pelo Serviço Social. Tomando a Psicanálise como instrumental, nos apropriamos de um olhar que tem possibilitado considerar a subjetividade, o paradoxal, o que é contundente e intenso no âmbito das experiências ligadas à adoção. Experiências que descortinam angústias intensas e fundamentais como o desamparo. Nesta

contingência, o pensar e o agir podem favorecer equívocos dramáticos. Pode-se compreender assim, que este é um campo muito exigente com os profissionais que dele se ocupam e, por isso, necessitamos de recursos para lidar com ele. Buscamos a Psicanálise e seus autores, mas, sobretudo, a interlocução com outros profissionais para nos ajudar a pensar uma Clínica que não seja consagrada e necessita respostas para abordar determinada situação. Seria mais fácil deixarmos para o Direito e para o Serviço Social cuidar desse campo, mas, é sempre importante lembrar, que este é justamente o campo em que a subjetividade se constitui em condições que são muito pouco propiciadoras de saúde.

**Maria Salete Abrão Nunes da Silva**

Rua Manoel da Nóbrega, 595, cj. 103  
Paraíso - São Paulo/SP  
(11) 5549 9919  
saleteabrao@uol.com.br

**Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi**

Rua Demóstenes, 627, cj.122  
Campo Belo - São Paulo/SP  
(11) 5093 9024  
mlghirardi@terra.com.br

**Cynthia Peiter**

Rua Ferreira de Araújo, 221/83  
Alto de Pinheiros - São Paulo/SP  
(11) 3814 0742  
cynthia.p@terra.com.br

**Gabriela Malzyner**

Rua Veiga Filho, 350  
Higienópolis - São Paulo/SP  
(11) 3822 4046  
gamalzyner@gmail.com

**Mônica J. Fischbach Saliby**

Rua Sergipe, 441, cj. 21  
Consolação - São Paulo/SP  
(11) 3663 0111  
monicajfs@uol.com.br

**Patricia Villas-Bôas Valero de Moraes**

Rua Manoel da Nóbrega, 595, cj. 103  
Paraíso - São Paulo/SP  
(11) 5549 9919  
patvillasboas@ig.com.br